

COMO É QUE ALGUNS ANJOS SE TORNARAM DEMÓNIOS?

<i>O que é um demónio?</i>	1
<i>Deus pôs à prova os anjos</i>	2
<i>Não foi de repente, mas um processo. - Dúvida e aceitação</i>	3
<i>Confirmação da Vontade – Pecado mortal</i>	3
<i>Processo de Justificação - Ver-se livres de Deus. visto como um ser mau, um obstáculo</i>	4
<i>Abandonar a casa paterna.</i>	5
<i>A grande luta no Céu, luta de ordem intelectual.</i>	5
<i>Uma transformação progressiva, irreversível.</i>	6
<i>O fim da batalha, não se trata de uma condenação</i>	6
<i>Como explicar a Irreversibilidade</i>	7
<i>A situação dos demónios</i>	8
<i>O mesmo processo das criaturas humanas</i>	9

O QUE É UM DEMÓNIO? (pp. 11-17)

Os demónios são criaturas espiritual, de natureza angélica. Não têm corpo. Não se reproduzem, foram criados um por um diretamente por Deus. Como criaturas espirituais, não possuem nada que seja comparável à matéria, contudo são dotados de uma inteligência, vontade e liberdade, mais perfeitos do que as criaturas humanas.

DEUS PÔS À PROVA OS ANJOS

Os anjos, sendo criaturas livres, foram postos antes à prova. Uns obedeceram a Deus e foram admitidos à «visio beatifica», os que chamamos de «anjos»; outros, desobedeceram e perderam a «visio beatifica», os que chamamos «demónios». Portanto, alguns anjos se tornaram «demónios», não por vontade de Deus, mas por vontade própria, por uma escolha livre, pessoal e irreversível. Mesmo assim, conservaram a natureza angelicas, com todas as suas

qualidades, mas corruptos e virados contra Deus e contra os homens. Os demónios foram criados bons, mas tornaram-se maus por uma livre escolha. Antes de serem admitidos à glória eterna do Céu, foram postos à prova, tal como acontece aos seres humanos.

Quanto aos pecados dos demónios. Os anjos são criaturas espirituais, não têm um corpo como nós o temos, por isso, não têm nenhuma inclinação para os pecados carnis, como a gula ou a luxúria. Seriam ações impraticáveis para eles. Seus pecados devem ter sido de ordem meramente intelectual ou espiritual.

Nessa prova, uns obedeceram, outros, não. Os que obedeceram foram admitidos à «visio beatifica». Os que desobedeceram ficara fora, tornaram-se demônios. Isto aconteceu por uma livre escolha, não foi por falta de amor ou de perdão da parte de Deus.

NÃO FOI DE REPENTE, FOI UM PROCESSO

A prova dos anjos, aconteceu fora do tempo material, isto é, na eternidade (evo). Não foi uma fase breve, instantânea, mas um processo lento e muito demorado que passou por fases diferentes. Podemos dizer que foram as seguintes:

- Fase da dúvida. No princípio, a desobediência apareceu como uma dúvida, como uma opção possível a considerar. Esta dúvida era já um pecado em si mesmo, um pecado venial, mas, pouco a pouco, evoluiu, tornando-se um pecado grave. Contudo, nesta primeira fase, ninguém estava disposto a afastar-se definitivamente de Deus, de forma irreversível.
- Fase da fixação da vontade. A seguir, o que era uma simples dúvida, começou a envolver a vontade, a qual se foi confirmando, apesar da advertência da inteligência, que lhes recordava que tal desobediência era contrária à razão.
- Fase da cegueira da inteligência. A vontade começou a prevalecer sobre a inteligência. Os anjos afastaram-se cada vez mais de Deus, aceitando como verdadeiro o mal que a sua vontade tinha escolhido. As suas inteligências foram-se consolidando no erro.
- Fase da fixação da vontade. A vontade de desobedecer, alimentada por uma inteligência corrompida, tornava-se cada

vez mais profunda, pois, as suas inteligências iam procurando cada vez mais novas razões que justificassem a desobediência e o afastamento de Deus.

- Fase do pecado mortal. Esse processo justificativo levou ao pecado mortal, que se deu num momento concreto, através de um ato da vontade. Isto é, cada anjo chegou a uma opção definitiva, em que não escolheu de desobedecer, mas, optou também por ter uma existência à margem da Lei Divina. Não foi um simples esfriamento do amor a Deus, nem se tratou de uma simples desobediência, mas na vontade deliberada de muitos deles, de ter uma existência autónoma, separada da Santíssima Trindade.

Processo de justificação.

Os que perseveraram nesse pensamento e decisão começaram um processo de justificação desta mesma escolha. Um processo em que trataram de autoconvencer-se de que Deus não era Deus. De que Deus era simplesmente um espírito entre outros espíritos. Até poderiam admitir que Deus era o seu Criador, mas achavam que havia n'Ele erros e arbítrios. Começaram a acalentar a possibilidade de ter uma existência autónoma, separada de Deus e das Suas normas, o que lhes aparecia como uma existência mais livre. Uma opção para a liberdade.

Querer ver-se livre de Deus, visto como um ser mau, um obstáculo

As normas de Deus, a obediência à Sua vontade, deixaram de ser fontes de felicidade, apareciam-lhes cada vez mais como uma opressão. Deus passava a ser visto como um tirano do qual deveriam libertar-se. Nessa nova fase de distanciamento, já não procuravam simplesmente um destino fora de Deus, mas uma existência autónoma, porque o próprio Deus era visto como um obstáculo para alcançar a liberdade. Pensavam que a beleza e a felicidade do mundo angélico teriam sido muito melhores sem um Deus opressor. Porque é que um Espírito que se deveria levantar acima dos demais espíritos? Porque é que a Sua vontade se deveria

impor sobre a dos demais espíritos? Porque é que a Sua vontade se deveria impor sobre outras vontades? Deveriam ter pensado: «Não somos crianças, não somos escravos!».

Deus era visto como um mal e começaram a odiá-l'O. Os apelos que Deus lhes dirigia para que voltassem para casa, eram vistos como uma intromissão inaceitável. Nessa fase, o ódio cresceu mais nalguns espíritos e menos noutros.

Pode surpreender que um anjo chegue a odiar a Deus, mas, neste processo, o próprio Deus já não era visto como um bem, mas como um obstáculo, uma opressão. Deus representava as cadeias dos mandamentos, Alguém que limitava a liberdade. Não era visto como um Pai, mas como um tirano que dá ordens e mandamentos.

Abandonar a casa paterna.

O ódio nasceu como reação lógica de uma vontade que perdeu a luz da inteligência. De uma vontade que se fixava cada vez mais na decisão de abandonar a casa paterna. Para usarmos termos mais inteligíveis para nós: quando alguém quer sair de casa, no início quer apenas sair, mas se o pai o chamar, uma e outra vez, o filho acaba por lhe dizer: «deixa-me em paz». Deus, de facto, chamava-os, pois sabia que, com o passar do tempo as suas vontades se afastariam cada vez mais d'Ele e consolidariam o seu afastamento.

A grande luta nos Céus – Luta de ordem intelectual

Contudo, muitos dos anjos que se tinham afastado num primeiro momento, voltaram. Essa é a grande luta nos Céus de que fala o *Apocalipse 12*: «*Houve então uma batalha nos Céus: Miguel e seus anjos guerrearam contra o Dragão. O Dragão lutou, juntamente com os seus anjos, mas foi derrotado; e eles perderam seu lugar nos Céus. Assim foi expulso o grande Dragão, a antiga Serpente, que é chamado Demônio ou Satanás, o sedutor do mundo inteiro. Ele foi expulso para a Terra, e os seus anjos foram expulsos com ele*” (Ap 12,7-9).

Como é que os anjos podem lutar entre si? Se não têm corpo, que tipo de armas poderiam usar? Os anjos são puros espíritos, o único

combate que se poderia travar entre eles é de ordem intelectual. As únicas armas que podem usar são os argumentos intelectuais.

Esta luta foi uma luta intelectual. Deus enviava a graça a cada anjo para que voltasse à fidelidade e se mantivesse nela. Os anjos bons davam argumentos racionais aos rebeldes para que voltassem à obediência. Os anjos rebeldes apresentavam as suas razões para fundamentarem a sua postura e para introduzirem a rebelião entre os anjos fiéis. Nessa conversação entre milhares de milhões de anjos, houve baixas de ambos os lados: anjos rebeldes regressaram à obediência; e anjos fiéis foram convencidos com a sedução dos argumentos malignos.

Uma transformação progressiva – escolha irreversível

A transformação de anjos em demônios foi progressiva. Com o passar do tempo – o evo ou a eternidade é um tipo de tempo - uns odiaram mais a Deus, outros menos. Uns tornaram-se mais soberbos, outros nem tanto. Cada anjo rebelde foi-se corrompendo mais e mais, cada um em pecados específicos, ao contrário dos anjos fiéis que se foram santificando progressivamente. Uns anjos santificaram-se mais numa virtude, outros noutra virtude. Cada anjo fixou-se num aspecto ou outro da divindade. Cada anjo amou com uma medida de amor. Por isso, no grupo dos anjos fiéis começaram a surgir muitas distinções, segundo a intensidade das virtudes que cada anjo praticava.

Cada anjo tinha sua própria natureza dada por Deus, mas, cada um santificou-se numa medida própria, segundo a Graça de Deus e correspondência da sua própria vontade. Acontece exatamente o contrário no caso dos demônios. Cada um recebeu de Deus uma natureza, mas cada um corrompeu-se segundo os seus próprios caminhos extraviados.

Por esta razão, a batalha terminou quando cada um deles se fechou em si mesmo, na sua postura, de forma irreversível. Chegou um momento em que já só podia haver mudanças acidentais em cada ser espiritual. Chegou o momento em que cada demônio se manteve firme na sua imprudência, nos seus ciúmes, no seu ódio, na sua inveja, na sua soberba, na sua egolatria...

O fim da batalha: não se trata de uma condenação.

A batalha acabara. Podiam continuar a discutir, a falar, a disputar, a exortar-se durante anos milhares de anos, para falarmos em termos humanos, mas já só poderia haver mudanças acidentais. Foi então que os anjos fiéis foram admitidos à presença divina e aos demônios permitiu-se-lhes que se afastassem, foram abandonados à situação de prostração moral que cada se situara.

Como se pode observar, os demônios não foram enviados par um lugar fechado com chamas e aparelhos de tortura, mas foram deixados como estavam, foram abandonados à sua liberdade, à sua

vontade. Não foram levados a parte alguma. Os demónios não ocupam um lugar, não há onde levá-los. Não há instrumentos de tortura, nem chamas que os possam atormentar, nem cadeias que os amarrem. Tampouco os anjos fiéis entraram nalgum lugar. Simplesmente receberam a graça da visão beatífica. Tanto o Céu dos anjos como o Inferno dos demônios são estados. Cada anjo transporta no seu interior seu próprio céu, esteja onde estiver. Cada demônio, esteja onde estiver, leva dentro do seu espírito o seu próprio inferno.

Como explicar a Irreversibilidade.

O momento em que já não há retorno possível é quando um anjo vê a essência de Deus. Porque depois de ver Deus, já nada o poderá fazer mudar de opinião. Depois de ter visto a Deus, ninguém poderá escolher algo que ofenda a Deus, no mais ínfimo que seja. A sua inteligência compreenderia que seria como escolher estrume face a um tesouro precioso. A partir desse momento torna-se impossível pecar.

O anjo, antes de entrar no Céu, compreendia Deus, compreendia o que Ele era, imaginava a Sua santidade, a Sua onipotência, sabedoria, amor... Depois de ter sido aceite para contemplar a Sua essência, não só a compreende, como também O vê. Quer dizer, que vê a Sua santidade, o Seu amor a Sua sabedoria etc. Ao contemplá-Lo, enche-se de tal amor, de tal veneração, que nunca, por nenhum motivo, quer separar-se d'Ele. Por isso o pecado passa a ser impossível.

O demônio fica irremediavelmente ligado ao que escolheu, desde que Deus decide não insistir mais. Chega um momento em que Deus decide de não enviar mais as graças de arrependimento, pois Ele compreende que enviar mais graças só contribui para alimentar o ódio, contribui para que o demônio se feche cada vez mais naquilo que a sua vontade escolheu. Chega um momento em que Deus Amor «vira as costas» e deixa que o Seu filho siga o caminho dele. Deixa o demônio siga a vida separado Dele.

A imagem de Deus que «vira as costas» sendo Deus Amor Infinito, pode parecer uma afirmação muito forte, contudo,

devemos admitir que a rebeldia da criatura conduz a que Deus finalmente abandone a criatura à sua própria sorte. É o momento em que Deus decide de não lhe conceder mais nenhuma graça de arrependimento. Mesmo que ainda lhe concedesse ficaria sem efeito. Portanto, não é de repente que um anjo se transforma em demônio, muito pelo contrário, trata-se de um processo lento, gradual, evolutivo. Por outro lado, por quanto longo possa ser este processo, chega o momento em que o espírito angélico tem de tomar a decisão de rejeitar ou não o seu Criador.

Já dissemos que neste processo houve muitas possibilidades de voltar atrás; é a celestial batalha de que fala o *Apocalipse* (cf. *Ap* 12,7-9). Mas chega um momento dessa batalha em que os demônios se afastam cada vez mais. Não teria sentido continuar a insistir. O Criador respeita a liberdade de cada um.

A situação dos demónios.

O demónio costuma ser representado em pinturas e esculturas de modo disforme, de maneira muito adequada, pois é um espírito angélico deformado. Continua a ser anjo; somente sua inteligência e sua vontade é que se deformaram. De resto continua a ser anjo como quando foi criado. Enfim, o demónio não é mais do que um anjo que decidiu ter o seu destino longe de Deus. É um anjo que decidiu viver livre, sem amarras. A solidão interior em que permanecerá, pelos séculos dos séculos, os ciúmes de compreender que os fiéis gozam da visão de um Ser Infinito, levam-no a reprovar seu próprio pecado uma ou outra vez. Odeia-se a si mesmo, odeia a Deus, odeia aos que lhe deram razões para se afastar.

Mas nem todos sofrem de igual modo. Durante a batalha, uns anjos deformaram-se mais do que outros. Os que mais sofrem são os que mais se deformaram, mas, é necessário recordar novamente que se trata só da deformidade da inteligência e da vontade.

A inteligência está deformada, obscurecida pelas mesmas razões que justificou o seu caminho, a sua presunta «libertação». A vontade impôs à inteligência a sua decisão, e a inteligência viu-se impelida a justificar a referida decisão. A inteligência funcionou

como um mecanismo de justificação, de argumentação daquilo que a vontade a fustigava a aceitar.

O mesmo processo das criaturas humanas.

Como se vê, este processo tem uma extraordinária semelhança com o processo de aviltamento dos humanos. Não esqueçamos que nós, humanos, somos um espírito num corpo. Se prescindimos dos pecados relativos ao corpo, o processo psicológico interno que leva uma pessoa boa a entrar na máfia ou a tornar-se guarda num campo de concentração ou também a tornar-se terrorista, é precisamente o mesmo.

Em substância, o conceito de pecado, de tentação, de evolução da própria iniquidade é igual tanto no espírito angélico como no espírito do ser humano. Os pecados do homem são sempre pecados do espírito, embora os cometas com o corpo, já que o corpo é tão somente um instrumento do que o espírito decidiu com seu livre-arbítrio.

Assim como um menino atravessa um período da infância, assim o anjo que acaba de ser criado não tem experiência. A pessoa humana tem tentações como as outras pessoas, assim também os anjos as tiveram. O homem pode pecar por ideais tais como a pátria, a honra da família, ou o bem-estar de um filho. O espírito angélico também tinha atrás de si grandes ideais intelectuais que, embora distintos dos ideais humanos, representam uma complexa correlação ente o mundo angélico e este mundo humano que conhecemos.

Nós, humanos, somos também espírito, apesar de possuímos um corpo. Só temos de olhar para o nosso interior para compreender como alguém pode cair no pecado, como alguém pode degradar-se. Sendo assim, os pecados dos anjos começam a nos parecer mais próximos e já não são tão incompreensíveis.